

2 JUL 1985

## Uma Constituinte entre conchavos

O tumultuado processo de votação que se desenrola no Congresso Nacional desde a última terça-feira encontrou ontem um obstáculo difícil de ser ultrapassado. A anistia ampla geral e irrestrita, derivada da emenda do Deputado Jorge Uequet, provocou violenta reação nos três ministérios militares.

A questão da anistia dos militares é particularmente complexa. Os ministros militares não admitem discutir a possibilidade de readmissão daqueles que foram punidos com a expulsão da vida militar. A fórmula alternativa seria promover esses militares e imediatamente colocá-los na reserva. Isso, no entanto, poderia gerar expectativa de direito e possibilitar uma enorme sangria nos cofres públicos, com o pagamento dos atrasados correspondentes.

Dita assim, a questão fica sendo fácil. Mas, não é, porque os militares, de patentes diferenciadas, estão dormindo na sua greve de fome a poucos metros da porta do plenário da Câmara dos Deputados. E para agravar o quadro de tensão política na noite em que o projeto de Constituinte controlada, originário do Palácio do Planalto, foi aprovado, o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães votou a favor da anistia dos militares nos termos da emenda Jorge Uequet. A perspectiva que se desenha no horizonte é, portanto, de uma grave confrontação no nível institucional. O Congresso que tem se especializado em descobrir adversários poderosos, conseguiu fechar a sua lista: entrou em curso de colisão com a área militar.

Todos estes esbarrões que a classe política tem se esmerado em provocar evidenciam que falta uma linha de procedimento básico para desenvolver e consolidar a abertura política brasileira. Depois da morte de Tancredo Neves, o País não conseguiu definir, de maneira consensual, sua proposta de Constituinte, que ficou distante dos anseios das instituições profissionais. A reforma agrária ficou aquém do prometido e agora, a anistia dos militares não conseguirá acompanhar a retórica dos políticos. Além disso, não houve um prévio acordo partidário para viabilizar a transição.

O processo vai assim, através de uma guinada conservadora, se tornando cada vez mais crítico, como tende a ficar crítica a campanha em cidades sensíveis para o PMDB. A pesquisa que deverá ser divulgada no próximo final de semana deverá mostrar, segundo pessoas que já a viram, o crescimento de Jânio Quadros e a queda de Fernando Henrique Cardoso. O projeto político do PMDB está todo ele vinculado à vitória na campanha para a prefeitura da cidade de São Paulo. Uma eventual derrota poderá desarticular todo o esquema partidário vinculado à transição política nacional.

O PMDB, junto com a Frente Liberal, fixaram a posição de que a Constituinte é o assunto principal e deixaram de discutir as questões secundárias. Neste sentido, o presidente do partido votou num dia a favor da anistia e no outro seria levado a contrariar a decisão de véspera. A sequência de equívocos vai se tornando preocupante, porque é difícil perceber a reação de um plenário que não atende às determinações da liderança e dos próprios que tendem a agir — como se estivessem vivendo num período de normalidade institucional, coisa que o Brasil ainda não conhece. A tudo isso soma-se o agravante de o atual Congresso ter sido eleito em 1982, sob a égide de um PDS poderoso e abrigar senadores biônicos. A perspectiva de uma crise grave envolvendo a legitimidade das atuais decisões, além da possibilidade de um conflito institucional começa a se tornar perigosamente elevada.

Essa situação, pontuada por um rendimento de perplexidades, jamais poderia ter sido imaginada tempos atrás. Os líderes que participaram do movimento de massas em todo o País há pouco mais de um ano estão agora aprisionados pela rotina burocrática, emparedados por acordos realizados em gabinetes e incapazes de perceber o longo prazo — que se chama a completa institucionalização do País. A Constituinte — que foi uma das mais belas bandeiras de luta que o País viu nas últimas décadas, arrasta-se pelo Congresso, entre acordos, pedidos de destaque, conchavos de última hora. Nada disso constaria de um roteiro do mais imaginoso dos romancistas, mesmo porque aquela Constituinte prometida com vigor e vontade em todos os palanques do Brasil transformou-se em apenas mais um projeto, embrulhado até a uma reforma tributária. O equívoco tramitar dessa idéia e a clara oposição aos anseios da sociedade conduziram o País a assistir esse espetáculo — uma Constituinte originariamente imaginada para modernizar o País, sendo aprovada entre negociações e conchavos, como se fora uma mensagem desimportante, ocasião em que os parlamentares se esmeram nos discursos reproduzidos na Voz do Brasil.

ANC 88  
Pasta 10/85-2  
096/1985